

TEIXEIRA DE PASCOAES, GUERRA JUNQUEIRO E O ANO DE 1898

Paulo Fernando da Motta de Oliveira

I. Uma estréia desejada e um filho escolhido

Em 1898 Camilo Castelo Branco já havia morrido há oito anos, e dois dos mais importantes componentes da geração de 70 também já haviam falecido: Antero em 1891 e Oliveira Martins em 1894. Dos demais membros dessa geração, Eça não publicara nenhum livro importante depois de *Os Maias*, que já tinha dez anos, e seria necessário que chegasse o ano de sua morte para que *A Correspondência de Fradique Mendes* e *A Ilustre Casa de Ramires* viessem a sair em livros; Junqueiro havia publicado, dois anos antes, *Pátria*, e ainda produziria várias obras, vindo a manter contatos importantes, na década de dez de nosso século, com o grupo ligado à *Renascença Portuguesa*, Teófilo, apesar de toda a sua atividade intelectual, era bem mais conhecido como paladino da República, o que acabaria por levá-lo, doze anos depois, a ser o primeiro presidente português. António Nobre, que havia publicado há seis anos o *Só*, não voltaria a lançar nenhum outro livro em vida, e apenas em 1902 viria a ser conhecido o seu inacabado *Despedidas*. Nesse 98, Camilo Pessanha publicaria, no *Jornal Único* de Macau, o seu poema “San Gabriel”, e José Duro, nascido em 1875, estrearia publicando o seu único livro, *Fel*, vindo a falecer no ano seguinte. Esse foi, também, o ano da estréia desejada de Teixeira de Pascoaes. Uma estréia que, de fato, já havia ocorrido três anos antes, por mais que o poeta, ao longo de sua carreira, nunca a assumisse completamente. Expliquemo-nos.

Como afirma António de Magalhães, em um artigo publicado no ano seguinte ao da morte de Pascoaes, esse poeta “teimou em apresentar [*Sempre*]

como a sua primeira obra". Que saibamos, em um único momento de sua carreira, o autor de *Marânus* chegou a assumir que a sua estréia literária não se dera com esse livro. Isto ocorreu no prefácio da terceira edição de *Sempre*, publicada em 1915, em que afirma: "Este livro merece-me um carinho especial, pois é ele a fonte de todo o meu pensamento poético, assim como duas éclogas anteriores (*Belo*, publicado em 1896)"¹. A seguir, nesse prefácio, Pascoaes transcreve alguns excertos de *Belo*, pouco mais de duas páginas, antes de começar a falar de *Sempre*.

Se nessa edição aceita ter publicado *Belo*, e portanto não ter estreado com *Sempre*, isso não mais voltará a ocorrer. Quando, na década de vinte, planeja publicar as suas *Obras Completas*, é o seguinte o plano que possui, presente na contracapa do primeiro volume:

Obras Completas do autor

Em verso:

Vol. I — *Sempre, Terra Proibida*

Vol. II — *As Sombras, O Doido e a Morte, Senhora da Noite*

Vol. III — *Cânticos Indecisos, Vida Etérea, Elegias*

Vol. IV — *Marânos*

Vol. V — *Regresso ao Paraíso*

Vol. VI — *D. Carlos, Cânticos, Londres*

Em Prosa:

Vol. VII — *Verbo Escuro, Beira (num relâmpago)*

Vol. VIII — *O Bailado, O Pobre Tolo*

Vol. IX — *Arte de Ser Português, Os Poetas Lusíadas*

Vol. X — *Conferências e artigos*

Vol. XI — *Livros de Memórias*²

Também em todas as relações das *obras do autor*, presentes em vários de seus livros publicados durante a sua vida, Pascoaes assumia como a primeira de suas obras *Sempre*. Apenas para citarmos alguns exemplos de épocas bastante diversas, isso ocorre em *As Sombras* de 1907, *Os Poetas Lusíadas* de 1919, *Cânticos* de 1925, *São Jerônimo e a Trovoada* de 1936 e *O Penitente* de 1942.³ Em 1952, em *O Advogado e o Poeta*, voltará a afirmar que *Sempre* foi "o meu primeiro livro de versos, ou antes, de poesia".⁴

Essa constância em recusar-se a aceitar as suas primeiras obras acabou por contaminar a própria crítica sobre o poeta. Não é assim de estranhar que em 1945, sete anos antes da morte de Pascoaes, Jacinto do Prado Coelho abra o preâmbulo de seu *A poesia de Teixeira de Pascoaes* com as seguintes palavras: "Em 1898, Teixeira de Pascoaes publicava em Coimbra o seu primeiro volume de versos, *Sempre*."⁵ Cumplicidade com um autor a que sempre respeitou, ou mesmo assunção como verdade das informações tão repetidas em vários li-

vros do autor de *Marânus*, o certo é que Coelho acaba por referendar a data da estréia *desejada* de Pascoaes.⁶

Essa estréia *desejada* acaba por deixar na sombra não apenas *Belo*, publicado originalmente em dois volumes, um de 1896 e outro de 1897, mas também uma outra obra, com a qual de fato ocorrera a sua estréia: *Embriões*, publicado pela primeira vez em 1895, quando Pascoaes tinha dezoito anos. Em relação a esse livro devemos notar que o autor de *Jesus e Pã* não só jamais voltou a se referir a ele, como também, como indica a sua irmã Maria da Glória Teixeira de Vasconcelos, tentou eliminar fisicamente a sua existência: “O primeiro livro que Pascoaes publicou foi *Embriões* e teve um grande trabalho para o fazer desaparecer. Os exemplares que havia lá em casa queimou-os todos.”⁷

Essa ocultação das obras anteriores a *Sempre* produz, ainda hoje, efeitos. Se *Belo*, nunca mais reeditado durante a vida de Pascoaes, possuiu, após a sua morte, duas edições,⁸ não foi esse o destino de *Embriões*. A tentativa do autor de *Marânus* de eliminar o primeiro livro que compôs teve efeitos mais duradouros. Não só *Embriões* não mais voltou a ser reeditado,⁹ como concretamente o poeta conseguiu quase fazê-lo desaparecer: o único exemplar a que tivemos acesso dessa obra está depositado na *Casa de Pascoaes*, e não o encontramos em nenhuma outra biblioteca do Brasil ou de Portugal. Assim, ainda hoje, a vontade de Pascoaes continua, em parte, se concretizando.

Poderíamos nos perguntar porque Pascoaes negou, de forma tão sistemática, as produções anteriores a *Sempre*. Em parte, creio, isso pode ser atribuído aos efeitos bastante diversos que *Embriões* e *Sempre* produziram em quem então era, como já o disse Lourenço, “o mais célebre dos poetas portugueses vivos”,¹⁰ Guerra Junqueiro. Maria da Glória Teixeira de Vasconcelos possui, na biografia que escreveu sobre seu irmão, um trecho bastante significativo sobre esses efeitos:

(...) *O Guerra Junqueiro, a quem meu pai o tinha mandado [o livro Embriões], disse-lhe: “Diz a teu filho que se deixe de versos”. Dois ou três anos depois [Pascoaes] compõe o Sempre. O Guerra Junqueiro escreve a meu pai dizendo-lhe: “Diz a teu filho que breve vou a Amarante para o conhecer e abençoar a mãe.” Mais tarde, muito mais tarde, o Recorte trazia esta notícia: estando Junqueiro a falar de Pascoaes não sei com quem, disse: “Se eu tivesse um filho gostava que ele fosse o Pascoaes.”*⁴¹

Não tratando ainda da última parte do trecho acima — sobre a notícia presente em *Recorte* — a que mais tarde voltaremos, devemos notar que os dois outros momentos narrados, colocados assim, lado a lado, apesar dos três anos que os separam, formam como que uma unidade, em que o segundo — o elogio a *Sempre* — rasura e apaga o primeiro — as palavras de Junqueiro aconselhando o jovem poeta a *deixar os versos*. Parece-nos que o autor de *Regresso*

ao *Paraíso* tentou, durante a sua carreira, apagar aquele mau poeta apontado por Junqueiro, destruindo-lhe o rastro. Sobraria, assim, apenas o outro, que começou com *Sempre*.

Sobre a importância dessa apreciação positiva de Junqueiro, importância que, certamente, em parte deriva da recepção negativa que teve *Embriões*, é ainda mais significativo que em sua última biografia, *O advogado e o poeta*, finalizada em 5 de outubro de 1952, ou seja cerca de dois meses antes de sua morte, Pascoaes não faça nenhuma referência aos livros anteriores a *Sempre*, e reproduza, na íntegra, a carta que lhe enviou Junqueiro sobre este livro, na qual encontram-se os trechos que abaixo reproduzimos.

O meu amigo é naturalmente poeta. Sente o ideal, o amor, a dor; a piedade, o enigma das coisas, o mistério do infinito. (...) o meu amigo é uma criança: e os seus versos estão cheios ainda de infantilidades risonhas e canduras pueris. Mas que lampejos sublimes, de quando em quando! (...)

*Em conclusão: o seu livro é uma obra de arte infantil, deixando adivinhar, a relâmpagos, um belo poeta predestinado.*¹²

Devemos também notar que não bastando a reprodução integral de uma carta que então tinha já 54 anos, logo após a mesma Pascoaes acrescenta o seguinte comentário: "A leitura dessa carta, recebida à hora da almoço (...) foi uma sobremesa que ainda me delicia o paladar!"¹³. Certamente parte desse gosto sempiterno vem dos travos que a recepção de *Embriões* havia deixado, e o movimento para ocultar as suas duas primeiras obras — em especial a primeira, movimento que, como vimos, até hoje possui seus efeitos no desaparecimento quase completo desse livro — não deixa de ser uma tentativa de acabar, de vez, com o primeiro amargor.

Podemos assim notar uma *presença oculta* de Junqueiro que percorre a forma como Pascoaes constrói a sua carreira imaginada: tendo começado com um livro *aprovado* pelo mestre, tendo rejeitado aquilo que é anterior a essa aprovação, podemos supor a grande alegria que deve ter tido quando, como relatou a sua irmã no último trecho dela que acima reproduzimos, viu Junqueiro afirmar que "Se eu tivesse um filho gostava que ele fosse o Pascoaes". É esse *filho escolhido* que percorrerá os anos futuros escondendo do público a obra que o *pai* renegou.

Tudo o que acima dissemos poderia parecer quase anedótico se as relações entre Pascoaes e Junqueiro tivessem se limitado aos aspectos que acima apontamos. Mas, como já foi apontado, não é isso o que ocorre. Esse quase *amor filial* que pode ser depreendido do episódio, é apenas uma das manifestações de uma relação mais funda que une esses dois escritores. Das muitas vertentes possíveis pelas quais essa relação pode ser analisada, parece-nos particularmente significativa uma, ainda não apontada pela crítica, que, partindo

de *Pátria*, passa pelo momento emblemático em que Junqueiro e Pascoaes virão a ocupar respectivamente a presidência e a vice-presidência da Mesa da Assembléia Geral da *Renascença Portuguesa*, e vai desembocar no que é um dos textos mais pessimistas desse último escritor, *A Nossa Fome*. Nela nos deteremos.

II. Portugal: da ausência de alma à falta de fome

Se *Pátria* é em grande parte tributário de dois livros de Oliveira Martins — *História de Portugal* e *História da Civilização Ibérica* — são nas anotações apenas a esse poema que encontraremos algumas idéias que terão importância na forma como Pascoaes pensará sobre Portugal e seu destino.

Essas anotações se iniciam por uma visão bastante depressiva da realidade nacional, em que todas as camadas do país são descritas como ineptas ou inativas. Este tom, que percorre o conjunto do texto, coexiste porém com uma visão, insistentemente repetida, de que o que falta ao país é alma, é uma vontade firme que o transforme em outro. Para Junqueiro, se o povo é “imbecilizado e resignado”,¹⁴ como diz já na abertura de seu texto, é também em certo sentido um repositório da alma nacional que ainda pode ser acordada:

(...) um povo, enfim, que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciência como que um lampejo misterioso da alma nacional, — reflexo de astro em silêncio escuro de lagoa morta (...).¹⁵

Há (...) bem no fundo deste povo um pecúlio enorme de inteligência e de resistência, de sobriedade e de bondade, tesouro precioso, oculto há séculos em mina entulhada. É ainda a sombra daquele povo que ergueu os Jerónimos, que escreveu os Lusíadas. Desenterremo-la, exumemo-la. Quem sabe, talvez revivesse!¹⁶

Além disto, é um povo maleável, o que facilitaria qualquer tentativa de reforma:

O português, apático e fatalista, ajusta-se pela maleabilidade da indolência a qualquer estado ou condição. Capaz de heroísmo, capaz de cobardia, toiro ou burro, leão ou porco, segundo o governante. (...)

A ductilidade, quase amorfa, do carácter português, se torna dúvidas as energias colectivas, ou espontâneos movimentos nacionais, facilita, no entanto, de maneira única, a acção de quem rege e quem governa. Um grande escultor, eis o que precisamos!¹⁷

Nessa perspectiva tudo o que o país precisaria seria de um homem capaz de levar seu povo ao caminho correto:

A metempsicose, em moderno, do grande Condestável, eis o meu sonho. Um justiceiro e um crente. Braço para matar, boca para rezar. Pelejas como as de Valverde só se ganham assim: ajoelhando primeiro. O Nun'Álvares de hoje não usaria cota, nem escudo, mas, ao cabo, seria idêntico. A mesma chama noutra invólucro. Não combateria castelhanos, combateria portugueses. O inimigo mora-nos em casa. (...)

E, removidos os focos epidémicos, voltaria em breve a saúde geral. A obra de reconstrução, inda que lenta, marcharia sem estorvo.¹⁸

Se Junqueiro espera um salvador, alguém que como Nun'Álvares encarne o espírito nacional, é porque considera que o que falta ao país é alma — “Alma! eis o que nos falta”¹⁹ — e que só através de um homem assim o país poderia se congregar em torno de uma idéia coletiva:

Qual era, pois, a grande missão de um governo em Portugal? Fazer de quatro milhões de espíritos um só espírito, juntar quatro milhões de vontades numa só vontade. Raios de luz divergentes, aquecem; convergentes abrasam. Um cento de meias abnegações individuais perdem-se, quase estéreis, na indiferença colectiva. (...) Mas a abnegação e o sacrifício de todos, a comunhão unânime e grandiosa num ideal de Justiça, num ideal de Pátria, transfigurar-nos-ia por encanto, de povo de chatins em povo de heróis, de mortos com direito ao cemitério, em gente viva com direito ao pão, com direito à luz.²⁰

Nessas anotações podemos perceber alguns importantes deslocamentos de idéias presentes em alguns textos de Oliveira Martins, em especial, como indicamos, em *História de Portugal* e *História da Civilização Ibérica*. Aqui, como nos textos de Martins, o que é necessário é a criação de uma *idéia coletiva* que una os portugueses em torno de um único ideal. Mas, a partir deste núcleo comum, surgem evidentes diferenças. O povo, maleável e incapaz de gerar por si essa idéia, necessita, para Junqueiro, de alguém que o dirija, de alguém que se transforme no instrumento da galvanização da alma nacional, que no povo dorme. Se isto ocorrer, o resto será dado ao país, já que o seu principal defeito é da ordem do espírito, da vontade, e não propriamente de suas condições materiais, que são simples decorrência da primeira falta.

Esse texto terá duas respostas dadas por Pascoaes. A primeira, coletiva, ocorrerá mais de quinze anos depois, na segunda série de *A Águia*, revista que, como sabemos, pertencia à *Renascença Portuguesa*, sociedade na qual, como dissemos, Junqueiro e Pascoaes ocupavam lugares de destaque.

Certamente foge aos objetivos que aqui temos uma referência mais detida a esta revista e, em particular, ao papel primacial que nela teve, o Saudosismo.²¹ Gostaríamos apenas de apontar que, pelo menos nos três primeiros volumes, que compreendem o período que vai de janeiro de 1912

a junho de 1913, um grupo de colaboradores, entre os quais se destacam Fernando Pessoa, Jaime Cortesão, Augusto Casimiro e, em especial, Teixeira de Pascoaes, vão acreditar que *a Raça Portuguesa principiava a sentir-se verdadeiramente revelada*, como o dirá Pascoaes, principalmente porque os poetas, através da *nova poesia portuguesa*, estariam não só fazendo aflorar essa alma, mas também operando uma nova síntese religiosa em que se integravam e eram superados o Cristianismo e o Paganismo, criando assim uma religiosidade nova, necessária para uma Europa já descrente na eficácia de seu poder material.

Esse brevíssimo resumo, que apenas permite vislumbrar o que foram as propostas dos saudosistas, já abre a possibilidade que percebamos como a questão presente em *Pátria* foi respondida por esse movimento. Como Junqueiro, também os saudosistas acreditavam que o que faltava aos portugueses era alma, mas achavam que eles poderiam recuperar a alma do país, há muito perdida:

Revelemo-la [a alma portuguesa] agora a todos os portugueses, na sua maior parte afastados dela, pelas más influências literárias, políticas e religiosas vindas do estrangeiro.

Revelemo-la a todos os portugueses, para que todos comunguem o seu próprio espírito, e possam cumprir o destino que por natureza, nascimento e sangue lhes pertence.

*E então um novo Portugal, mais português, surgirá à luz do dia, e a civilização do mundo sentir-se-á mais dilatada.*²²

Para os saudosistas, o novo Nun' Álvares esperado por Junqueiro já existia, e não era um homem, mas um grupo de escritores que, aceitando tacitamente a chefia de Pascoaes, esse *filho desejado* de Junqueiro, defendia os mesmos ideais.

Esta grande esperança, porém, durou pouco. A partir do quarto volume o autor de *Regresso ao Paraíso* se verá sozinho na longa polêmica que travará com António Sérgio. Após isso, tentará transformar a guerra numa outra possível fonte de reerguimento para o país, esperança que também soçobra, levando Pascoaes a abandonar *A Águia* e, seguindo o exemplo matricial de Herculano, se retirar para as suas terras no Marão, de onde dificilmente sairá.

Será porém nesse retiro que uma outra resposta ao *Pátria* será elaborada: o *A nossa fome*. Nesse texto, após algumas considerações de caráter biográfico sobre a sua transformação de poeta em prosador,²³ Pascoaes passa a falar dos motivos pelos quais ama a poesia:

Amo a poesia, os poetas e os labroistas —, os que têm fome, porque Poesia quer dizer Fome. Assim deixa perceber um dos bíblicos autores:

— *Nem só de pão vive o homem.*

Logo, o homem também vive de poesia; um outro pão que mata outra fome. Sim: esta fome chama-se poesia.

O homem... certos homens têm fome de outro pão —, um pão amassado em lágrimas, cozido num forno íntimo (...)... Este forno, com uma fogueira lá dentro, é a alma dos poetas. Fabricam o pão espiritual e morrem de fome!

(...)

A fome, portanto, é o assunto querido dos poetas. Fome quer dizer Poesia.²⁴

Porém se certos homens, os poetas e os loucos, têm fome de um outro pão, se “O poeta é um faminto de Deus, de Amor, de Eternidade, de todos os divinos fantasmas que pairam sobre o mundo,” ao passar a descrever Portugal poderemos perceber o abismo que separa os poetas do ânimo geral presente neste país:

Fome! Fome! Eis uma palavra que enegrece as conversas de Café e os artigos dos jornais. E, todavia, entre nós, a fome não existe. (...) Não existe infelizmente. Fome de pão, fome de Deus, frases débeis, entre nós. Sentimos, quando muito, o apetite, uma fome educada e atenuada. Fome de pão significa apetite de pão. Fome de Deus quer dizer a mesma cousa, a mesma imagem céptica da fome.

(...)

Ai, de nós! Não temos fome! A maldita saciedade mostrando os dentes inofensivos! Que tragédia! Sim. O dente lusitano é uma figura de retórica, um imaginário marfim para enfeitar sorrisos de donzelas... Não sabemos morder nem mastigar. Debicamos... Fastio, fastio e só fastio e uma cor parda e, muitas vezes, de pardal, na colecção de fisionomias exposta por essas ruas.

(...)

Ai de nós, que não temos fome! Nem de pão, nem de Deus, nem mesmo do demónio!

Somos um corpo morto e uma alma fingida, o reflexo frio duma alma que ainda voa nas estrofes d’ Os Lusíadas e sobre o túmulo ignoto do Encoberto.

(...)

Não há fome, nem sede, nem desejo, l’ardent desir!

(...)

Não temos fome, nem sede! Perdemos as entranhas, a íntima caverna onde se cria o leão que devora os bichos, o leão que brame e faz tremer a noite.²⁵

Não é preciso nenhum esforço para encontrar aqui a *ausência de alma* presente no texto de Junqueiro. Certamente é essa a matriz do texto de Pascoaes, mas uma matriz que passa, necessariamente, pelo fracasso da tentativa saudosista. Portugal é um país *sem fome*, e nesta ausência de fome, nesta satisfação mesquinha que não gera o desejo, está o centro de sua carência, aquilo que impede qualquer tipo de desenvolvimento. Se em vários de seus textos Pascoaes considerara que o que faltava ao país era *alma*, mas achava que esta alma poderia ser recuperada, pois ela existia, apesar de soterrada, nessa nova resposta às anotações de Junqueiro, nota que o país não só não tem alma, mas também nem possui o desejo de a ter. Portugal é um país morto, um país em que nenhum desejo, por mais ardente que seja, como o foi o de Pascoaes, como o fora o de Junqueiro, poderá frutificar.

Não ocorrerá nesse texto o fim dessa trajetória pascoalina, dessas respostas de um poeta *com alma* à questão central do texto de Junqueiro. Anos mais tarde ele novamente se faria profeta, em seu *São Paulo*, mas tendo então como interlocutor todo o mundo ocidental. Essa nova resposta, porém, já extrapola os objetivos que aqui tivemos. Gostaríamos apenas de apontar que se, em certo sentido, Junqueiro gerou um Pascoaes que nasceu para as letras em 1898, esse, herdando não só a veia profética do autor de *Pátria*, mas vários outros aspectos que não pudemos aqui abordar, manterá a sua presença viva até os seus últimos momentos. Feliz essa *estréia desejada* que produziu um *filho escolhido* que soube dialogar, até o fim, com as idéias e a lembrança de seu *pai*.

Notas

1. PASCOES, Teixeira de. Sempre. IN: *Obras completas*. Amadora: Bertrand, s.d.
2. PASCOES, Teixeira de. *Obras Completas*, 1º volume. Paris-Lisboa: Aillaud & Bertrand, s.d.. Esse plano geral foi um pouco modificado, quando da publicação do sexto volume, que trouxe o pobre tolo, tendo sido as três obras originalmente planejadas para ocupar esse volume deslocadas para o "Vol. VI a", que nunca chegou a ser publicado. Essas obras completas chegaram apenas até o sétimo volume.
3. Cf. PASCOES, Teixeira de. *As sombras*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1907. p. 211.; Idem. *Os poetas lusíadas*. Porto: Imprensa Costa Carregal, 1919, [contracapa]; Idem. *Cânticos*. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, s.d. p.2.; Idem. *São Jerónimo e trovoada*. Porto, Lello & Irmão, 1936. p.2. e Idem. *O Penitente*. Porto: Livraria Latina Editora, 1942, p.2.
4. Idem. *O advogado e o poeta*. Porto: Brasília Editora. 1978. p. 132.
5. COELHO, Jacinto do Prado. *A poesia de Teixeira de Pascoaes*-ensaio e antologia. Coimbra: Atlântica, 1945. p.9.
6. As informações presentes no livro de Jacinto do Prado Coelho não permitem que saibamos se ele teve acesso, nesse momento, à terceira edição de *Sempre*. Por outro lado, Coelho indica que as poesias insertas na antologia, com a exceção de *Piedade* " foram transcritas da ed. das *Obras Completas*, cujas depositárias são as livrarias Aillaud e Bertrand" (Ibidem. p. 104) que, como já indicamos, possuíam um plano geral em que a primeira obra de Pascoes era considerada como *Sempre*. Além disso, em outro momento de seu livro, esse crítico cita *São Paulo* de Pascoes (Cf. Ibidem. p.13), livro em que existe uma indicação da "Edição definitiva das obras do autor", muito parecido com o presente nas *Obras Completas*, e também começando com *Sempre*.

- Todos esses dados, se não permitem nenhuma certeza, podem indicar que a hipótese de que Coelho achasse que Pascoaes de fato estreara em 1898 não é de todo inverossímil.
7. VASCONCELOS, Maria da Glória Teixeira de. *Olhando para trás vejo Pascoaes* Lisboa: Assírio & Alvim, 1996. p.34.
 8. Existiram, após a morte de Pascoaes, duas edições de Belo: as presentes em PASCOAES, Teixeira de *Obras completas* vol. I. Amadora: Bertrand, s.d. e em Idem. *Belo, à minha alma, Sempre, Terra proibida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.
 9. Jacinto do Prado Coelho chegou a explicar os motivos que teve para não incluir *Embríões* nas obras completas de Pascoaes, ao falar dos critérios que adotou em sua edição: “Esta edição corresponde ao propósito de tornar acessível, num *corpus* único, a obra poética de Teixeira de Pascoaes. Apenas ficam excluídos o livro da estreia, *Embríões*, que, escrito nos verdes anos, o autor com bons motivos repudiou, e a sua colaboração em *Profecia — Por dois poetas*, (...). Foram também eliminadas composições poéticas dadas a lueem em *A Flor do Tâmega*, a partir de 1895”. COELHO, Jacinto do Prado. IN: PASCOAES, Teixeira de. *Obras Completas*— vol. I. Lisboa: Bertrand, s.d. p.63. Os negritos são nossos.
 10. Lourenço, Eduardo. *Fernando Pessoa rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986. p. 117.
 11. VASCONCELOS, Maria da Glória Teixeira de. Op. cit. p.34.
 12. PASCOAES, Teixeira de. *O advogado e o poeta*. Porto: Brasília Editora, 1978. p. 132-4
 13. *Ibidem*, p.134.
 14. JUNQUEIRO, Guerra. *Anotações. Pátria*. 4.ed. Porto: Livraria Chardron, s.d. p.187.
 15. *Ibidem*, p.187.
 16. *Ibidem*, p.194.
 17. *Ibidem*, p.193-194.
 18. *Ibidem*, p.197-198.
 19. *Ibidem*, p.198.
 20. *Ibidem*, p.207.
 21. Para uma análise deste movimento ver OLIVEIRA, Paulo F. M. *Esperança e Decadência: as imagens de Portugal na segunda série de A Águia*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1995. (Tese, Doutorado em Teoria da Literatura).
 22. PASCOAES, Teixeira de. *Renascença. A Águia*, 2 série, Porto, v.1, n.1., p.3, jan. 1912.
 23. Devemos aqui salientar que desde as conferências que proferiu e publicou durante o período do Saudosismo, o perfil literário de Pascoaes vai se alterando de forma bastante acentuada, e de um autor que só produzia poesias ele passará cada vez mais a utilizar a prosa.
 24. PASCOAES, Teixeira de. *O homem universal e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993. p.158.
 25. *Ibidem*, p.158-161.